

FICÇÃO E REALIDADE EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Antônia Varele da Silva Gama
Mestre em Literatura Brasileira (UFC)

Resumo:

Este artigo desenvolve aspectos de minha Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Ceará, sob o título **A Formação Literária e Intelectual de Graciliano Ramos** e está vinculado ao projeto de pesquisa “Histórias de Leituras e Bibliotecas Pessoais”, coordenado pela Profa. Dra. Odalice de Castro Silva, orientadora desta Dissertação. Buscaremos refletir sobre o processo de formação literária e intelectual de Graciliano Ramos, a partir do testemunho dado por ele, na obra *Memórias do Cárcere*, a luz de categorias **campo literário**, presente em *As regras da Artes* (1996), de *Pierre Bourdeu*, **paratopia** e **contexto** em *O Contexto da Obra Literária* (1995), de *Dominique Maingueneau*, para discutir o contexto histórico (social, político e ideológico) da formação literária e intelectual do escritor. Percebe-se que a importância da sua fala para registrar acontecimentos ocorridos e vivenciados pelo autor, os quais marcaram as primeiras décadas do século XX, são de extrema relevância para se entender os fatos históricos brasileiros e mundiais e o processo de escrita de seu livro em questão. Além das obras e categorias já mencionadas, considerar-se-ão as entrevistas, os depoimentos, as cartas e os próprios diários do escritor como parte da pesquisa, bem como textos publicados pelo autor, em revistas literárias, artigos de jornais, etc.. A metodologia utilizada é a analítico-interpretativa e historiográfica, a fim de fazer interagir o texto literário e as categorias analíticas acima mencionadas. Os objetivos, dentre eles têm-se o de revelar o valor da escrita memorialística e do testemunho, para registrar os acontecimentos e as falas dos indivíduos como discursos na sociedade brasileira de primeira metade do século XX e compreender o processo de escrita de *Memórias do Cárcere*. Partindo das ideias anteriores, pode-se dizer que a importância do estudo das *Memórias* e de sua contribuição histórico-literária para os Estudos da Literaturas Brasileira e Portuguesa são indispensáveis ao estudioso da obra, pois observa-se que a narrativa assume um caráter histórico, apesar de não ter essa função, mas ela o faz, porque nela estão embutidos valores sociais, culturais, econômicos e ideológicos muito fortes; isso pode ser notado através da afirmação do próprio autor dentro da narrativa: “Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer”(RAMOS, 2004. p.14). *Memórias do Cárcere* apresenta uma aprendizagem muito rica do ponto de vista literário e humano. Graciliano Ramos, ao escrever esse romance, deixa transcender nas entrelinhas, dentre os seus desejos, o de denunciar as injustiças cometidas na época por aqueles que detinham o poder, e lança algumas reflexões acerca do comportamento do Ser Humano. Partindo desses estudos realizados sobre Graciliano Ramos surge a necessidade de pesquisar cada dia mais acerca de questões fundamentais de sua obra.

Palavras Chaves: *formação intelectual* e literária, Graciliano Ramos

1 Introdução

A produção literária de Graciliano Ramos é bastante rica no tocante às reflexões e questões pertinentes ao ser humano e à sociedade de modo geral. Vários aspectos da obra desse escritor foram estudados sob prismas diversos, dentre eles observa-se que alguns se referem à análise dos elementos estruturais da narrativa; outros ao aspecto memorialístico de sua obra, como nos romances *Infância* e *Memórias do Cárcere*.

Para esse estudo quanto à fundamentação teórica, destacar-se-ão as categorias **campo literário e intelectual**, de *Pierre Bourdieu*, **paratopia e contexto**, de *Dominique Maingueneau*.

Além da obra de Graciliano Ramos e categorias já mencionadas, considerar-se-ão ainda as entrevistas, os depoimentos, as cartas e os diários do próprio escritor como parte da pesquisa, bem como textos publicados pelo escritor, em revistas literárias, artigos de jornais, etc.. Para tanto, a metodologia utilizada é a analítico-interpretativa e historiográfica, a fim de integrar o texto literário e as categorias analíticas acima mencionadas.

A pesquisa discute as categorias **campo literário, contexto e paratopia**. Analisam-se o contexto histórico (social, político, e ideológico) da formação intelectual e literária de Graciliano Ramos, os acontecimentos que repercutem na obra *Memórias do Cárcere*, os quais possibilitam ao leitor uma melhor compreensão desse texto produzido e do processo de formação do escritor alagoano.

Abordam-se as dificuldades encontradas por Graciliano Ramos no **campo literário**, onde ele busca um “lugar definido” para se produzir uma obra literária. É importante lembrar as palavras de *Pierre Bourdieu*:

É com relação aos estados correspondentes da estrutura do campo que se determinam em cada momento o sentido e o valor social dos acontecimentos biográficos, entendidos como *colocações* e *deslocamentos* nesse espaço ou, mais precisamente, nos estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo, capital simbólico como capital específico de consagração. Tentar compreender uma carreira ou uma vida como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro elo que não a associação a um “sujeito” cuja constância não pode ser mais que a de um nome próprio socialmente reconhecido é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto do metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 1996. p. 292).

Ressalta-se a importância de considerar os fatores, que possam estar relacionados à trajetória construída ou possivelmente traçada pelo artista literário, pois limitar-se apenas aos acontecimentos biográficos inviabiliza a compreensão da carreira literária percorrida por ele, uma vez que este transita na sociedade através de uma assinatura civil, que não é suficiente por si só para explicar a sua arte. Por isso, o tempo, o espaço, a estrutura socio-econômica, na qual a obra foi construída é de extrema importância, pois revela as dificuldades encontradas pelo autor para produzir sua obra.

Verifica-se ainda como Graciliano Ramos constrói um novo estilo, a partir dos já existentes no **campo literário** à época, estilo que o torna um dos escritores mais representativos, e estudados da Literatura Brasileira, considerando também a importância das leituras realizadas por ele e as experiências narradas em *Memórias do Cárcere*.

2 A construção do campo literário

Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é por que não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas

personagens. Se fosse analfabeto, por exemplo, seria tal qual Fabiano...
(RAMOS *apud* BRAYNER, 1977. p. 55).

Entende-se por *campo literário*, para o autor de *As Regras da Arte*, os

... espaços estruturados de posição (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes [...] Há leis gerais dos campos: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possuem leis de funcionamento invariáveis. ”(MARTINS, 2004.p.64)

Vê-se, que o **campo literário** é um lugar móvel na sociedade, em cujo interior atuam os indivíduos. Eles se mantêm relacionados durante o decurso das suas atividades. Isto, porque apesar de cada espaço ser regido por regras particulares, e de os participantes ocuparem posições variadas, existem normas que se aplicam a todos os campos, sendo assim designadas como leis comuns.

Diante disso, verifica-se que a categoria de *Pierre Bourdieu* proporciona um novo olhar acerca das condições de produção do artista, com o **campo literário**. O escritor não pode ser considerado como uma pessoa autônoma, que age de acordo com suas próprias ideias, uma vez que, se mantém ligado ao campo maior. Por isso, pode-se dizer que o escritor, ao produzir sua obra literária, não dispõe de total autonomia, já que se encontra vigiado indiretamente pelos aparelhos que organizam o sistema político-social vigente e pela produção literária e artística da época.

A relação entre o campo literário e o escritor é observada a partir de uma estrutura ampla, ao contrário do que se poderia pensar em um **artista livre**, ele está submetido às regras do campo. Conforme Maurício Vieira, afirma:

... na verdade existe um espaço de forças estruturado que molda a capacidade de ação e decisão de quem participa. É, pois, contra uma certa concepção de autonomia do sujeito que *Bourdieu* se insurge de modo enfático. E, ao longo de seu trajeto intelectual, ele elegeu sucessivos objetos onde seria possível detectar a vigência de uma subjacente rede de relações coagindo os sujeitos: a educação, a moda, a televisão, a produção intelectual e artística de uma época etc.”
(MARTINS,2004.p.64)

O **Campo Literário**, longe de ser um espaço neutro, possui suas regras específicas e gerais. Estas se verificam em qualquer um dos campos mencionados por *Bourdieu*, porque nenhum indivíduo nem nenhum campo se mantêm isolados, num espaço restrito de uma sociedade. Pois eles, apesar de diferentes, necessitam dessa permuta de experiências, a fim de demarcar e de estabelecer o seu próprio campo de atuação.

3 *Paratopia*: a busca de um lugar no campo literário

Tentaremos recriar, durante esta pesquisa, o possível itinerário que possibilitou Graciliano Ramos a se tornar um dos romancistas mais importantes da literatura brasileira, que atinge o ápice de sua carreira literária com a publicação de *Angústia* (1991), marco decisivo de sua trajetória literária.

Em *Memórias do Cárcere*, o autor relembra os principais momentos de sua trajetória literária e intelectual mesclada à experiência no cárcere. Ou seja, quando decide narrar tudo que viveu na cadeia, em *Memórias do Cárcere*, ele para reconstrói o mapa dos deslocamentos realizados durante o seu percurso literário, ao mesmo instante em que pinta o retrato de uma época marcada pela repressão no mundo inteiro, e em particular no Brasil.

É importante dizer que enquanto decorria a escrita das memórias o estado de saúde do romancista se agravava a cada dia, mas mesmo assim, pode-se afirmar que Graciliano Ramos realiza essa tarefa de maneira tão marcante e perfeita que possibilita aos leitores uma reconstrução dos fatos reais mesclados à ficção, utilizando dessa maneira a verossimilhança.

O conceito de **paratopia** é estudado com a perspectiva de visualizar os movimentos, ou melhor, os deslocamentos vividos pelo escritor, no transcurso da construção de um lugar no campo literário, em que ele produziu sua obra. Para que isso seja possível, é indispensável recorrer ao contexto da obra literária, objetivando a localização do artista no tempo e no espaço. Porém, nem sempre é possível, pois, assim, como a literatura não possui um “lugar” fixo, definido no campo, o escritor também se desloca de um território para outro, sem que se perca sua especificidade e sua funcionalidade. A produção literária teria um contexto **ideal** para se realizar como tal?

Dominique Maingueneau discute o texto literário e as circunstâncias de sua produção, na tentativa de demonstrar as dificuldades que o escritor encontra ao produzir. O autor busca “um lugar”, um “verdadeiro outro lugar” para se manter num espaço seguro, estável e definido (MAINGUENEAU, 2001.p.27;52). Mas, a impossibilidade de demarcar o meio em que o texto é produzido caracteriza uma das etapas do processo de criação, conforme lê-se no fragmento abaixo:

A pertinência ao campo não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la de **paratopia**. (MAINGUENEAU, 2001.p.27,59)

Observe a situação narrada por *Maingueneau*, vivenciada por Michael de Montaigne:

Consideremos a célebre ‘biblioteca’ do terceiro andar da torre do castelo de *Montaigne*. Ao mesmo tempo gabinete de trabalho e biblioteca, esse cômodo não somente é o lugar em que o autor escreve seu livro, mas é, em si mesmo, de certa maneira, livro. (...) É ao mesmo tempo um lugar de concentração em si, e de abertura para o mundo, um lugar fora e dentro do castelo. Condição de possibilidade de uma escrita, também é sua materialização. Essa biblioteca, onde ele passa ‘a maior parte das horas’ dá corpo à paratopia de um escritor que associa flexibilidade e observação do mundo. (CHIAPPARA, 2007.P.8)

A experiência de *Michael de Montaigne* permite entender a categoria paratópica proposta por *Maingueneau*, pois é notado o entre-lugar¹ em que se encontra o escritor e, ao mesmo tempo, a biblioteca, localizada aparentemente num ponto fixo, ela representa “um lugar fora e dentro do castelo”.

De qual lugar Graciliano Ramos produz seus romances? Será que sua situação assemelha-se a de *Michael de Montaigne*?

Percebe-se que não é possível definir o lugar específico, onde o escritor possa produzir tranquilamente seu texto. Porém, o ato de produzir exige um espaço apropriado, reservado. O local da escrita poderá ser aquele que o autor “escolher”, mediante as condições que lhe são impostas, pois a maioria dos escritores não dispõem de horas livres, as quais possam ser dedicadas exclusivamente ao ofício de escritor.

O leitor de *Memórias do Cárcere* certamente responderá a essa questão afirmando que sim, embora sejam consideradas as particularidades do processo criativo de cada escritor:

Lembro-me perfeitamente da cena. O gabinete pequeno se transformara numa espécie de loja: montes de fazenda e cadernos, que oferecíamos às crianças pobres. Findo o expediente, sucedia retardar-me ali, a escrever, esquecia-me do tempo, e às vezes, meia-noite, o guarda vinda dizer-me que iam fechar o portão do palácio. Parte do meu último livro fora composto no *bureau* largo, diante de petições, de números do *Literatura Internacional*. Naquela noite, acanhado, olhando pelas janelas os canteiros do jardim, as árvores da Praça dos Martírios, Rubem me explicava que Osman Loureiro, o governador, se achava em dificuldade: não queria demitir-me sem motivo, era necessário o meu afastamento voluntário. (RAMOS,2004.p.39)

A cena acima refere-se ao ano de 1936, época em que Graciliano Ramos esteve como Diretor de Instrução Pública de Alagoas, e produzia o seu terceiro romance, *Angústia*, quando fora preso por questões ideológicas. É importante dizer que, na medida em que trabalha como funcionário público, exerce o ofício de escritor simultaneamente, no mesmo espaço: o gabinete do palácio. É notado através dos estudos críticos sobre o escritor alagoano e dos textos produzidos por ele, desde o início de sua formação como leitor e, posteriormente, como escritor, a procura de um “lugar” no campo literário que o reconhecesse como artista.

Esses deslocamentos realizados por Graciliano Ramos são denominados de movimentos **paratópicos**. O autor busca, incessantemente, permanecer num “verdadeiro lugar” (MAINGUENEAU,2001.59), porém as condições do campo literário não lhe eram favoráveis, impedindo a sua estabilização num espaço seguro. Graciliano Ramos encontrou realmente o seu merecido “lugar” no campo artístico?

A maneira paradoxal do lugar **paratópico** caracteriza a produção de um discurso literário lançado num meio-termo, que não se limita a representar um espaço fora do texto, mas de tensão no próprio texto. Pressupõe-se que a partir dessa visão, a sociedade seja modificada por esse discurso que a expressa, em suas contradições.

¹ Categoria cunhada por Silviano Santiago em “O entre-lugar do discurso latino-americano.” In: *Uma literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

4. Ficção e a realidade em *Memórias do Cárcere*

Considerando-se o contexto político-econômico conturbado das primeiras décadas do século XX, surgem por toda a Europa, durante a *belle époque* e depois dela, diversas correntes artísticas que expressam o espírito caótico e violento da época. São as chamadas “vanguardas européias”, denominadas de Futurismo, Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo. Estes movimentos de caráter agressivo e experimental rompem radicalmente com os padrões de uma arte tradicional, provocando polêmicos debates nos meios em que se difundem. Isto contribui para o surgimento de uma nova arte no século XX. Estes mesmos fatos históricos repercutem no Brasil e convivem com a escrita de *Memórias do Cárcere*.

Dessa maneira, a década de 1930 é marcada pela crise financeira ocasionada pela queda da Bolsa de Valores de *Nova York*, em 24 de outubro de 1929, que prejudica a economia brasileira e a política café-com-leite. Embora as mudanças no tocante à política do país estivessem ocorrendo desde 1922, as quais culminaram em 1930, com a formação do Partido Comunista no Brasil, “o levante do Primeiro 5 de julho, marcando a revolução militar” (RAMOS, 1979.p.73), e a Semana de Arte Moderna de 1922, ligada à vida cultural.

A contextualização histórica da escrita de *Memórias do Cárcere* abrange um período longo, ou seja, inicia-se com a Revolução de 1930, ocasionada pela divergência política que tem como *estopim* o assassinato de João Pessoa, em Recife, líder político de esquerda, quando o país, sob o governo de *Washington Luís*, sofre o golpe militar, que leva ao poder Getúlio Vargas provisoriamente.

A partir de então, com a deposição do presidente, começa, em novembro de 1930, a “Era Vargas”. Neste mesmo ano, ele fecha o Congresso. Estavam aliados a Vargas a burguesia e as oligarquias. Em 1939, ele é eleito pelo voto popular, mantendo-se no poder até 1945. É curioso perceber que em 1935, é aprovada pelo governo, a Lei de Segurança Nacional que prevê a prisão dos indivíduos que se opuserem à política varguista, os suspeitos de fazer parte da organização comunista local e internacional. Além disso, em 10 de janeiro de 1933, já havia sido criada a Delegacia Especial de Segurança Pública e Social- DEPS- , que depois passou a ser Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS, que dentre suas funções estava a de localizar e reprimir qualquer indivíduo, que fosse considerado ameaça à ordem vigente. Dessa forma, este órgão do governo fichava os suspeitos, e, em seguida prendia-os, mesmo sem prova alguma.

No ano de 1936, inicia-se a campanha eleitoral para a presidência da República em todo o país, que aconteceria em 1938, mas não se realiza, porque Getúlio Vargas, ao perceber o crescimento político da oposição, e, principalmente, da Aliança Nacional Libertadora, planejando sua permanência no poder, adota uma política de repressão que ocasiona inúmeras prisões de militantes de esquerda, em particular dos membros do Partido Comunista Brasileiro, como por exemplo a prisão de Luís Carlos Prestes, em 5 de março de 1936 por ter participado da Intentona Comunista de 1935², no Rio de Janeiro. Ressalte-se que alguns escritores também foram vítimas da política autoritária do Governo

² Informação colhida da Revista *Entrelivros* utilizada por MARQUES, Ivan, no artigo “Inventário das trevas”. Nov. 2006, p. 46.

Varguista, entre eles, Graciliano Ramos, em 3 março 1936. À época, o escritor era Diretor de Instrução Pública de Alagoas, cargo que corresponde, hoje, à de Secretário de Educação de Estado. Estas duas prisões são narradas em *Memórias do Cárcere*. Primeiro, a de Prestes:

... A 6 de março, porém, íamos, entrando na rotina - e daí em diante não me seria possível redigir uma narração continuada. (...) O meu companheiro Mata ia muito além: confessava-me a sua ignorância em revolução (fora preso injustamente, não se cansava de afirmar isto), considerava-me um técnico neste assunto e pedia-me que o instrísse com rapidez. Se me acontecia alegar incompetência, achava-me discreto e modesto. Um fato nesse dia 6 abalou-me, o único de que tenho lembrança clara. À hora do café abri um jornal do Recife e li, em telegrama do Rio, a notícia arrasadora: Prestes havia sido preso na véspera.

- Com todos os diabos!

Eu não tinha opinião firme a respeito desse homem. Acompanhara-o de longe em 1924, informara-me da viagem romântica pelo interior, daquele grande sonho, aparentemente frustrado. (RAMOS, 2004.p.81)

Percebe-se que além de Graciliano Ramos, o capitão Mata também é vítima da política do Estado Novo, ou seja, preso sem acusação. É possível que esta imagem abaixo, da prisão de Luís Carlos Prestes tenha sido retirada do jornal que Graciliano Ramos cita em *Memórias do Cárcere*, pois fora localizada no Museu da República, segundo Ivan Marques.



Fig. 01: Retrato de Luís Carlos Prestes, no dia 5 de março de 1936, sendo preso por ter participado da Intentona Comunista de 1935.³

A partir da imagem acima, observa-se o líder comunista Luís Carlos Prestes sendo levado pela comitiva da Delegacia de Ordem Política e Social para a prisão. Enquanto isso, no mesmo mês e ano, Graciliano Ramos também é preso sob suspeita de ser comunista,

³ As imagens referidas, utilizadas nesta pesquisa foram extraídas dos livros: *Cadeia* 1992, *Graciliano Ramos: literatura Comentada* 1981, *Mestre Graciliano: confirmação humana* 1979, *Graciliano Ramos* 1987, *Entre livros: Letras Secas de Graciliano* 2006, *Cartas* 1984.

conforme relato em *Memórias do Cárcere*:

No começo de 1936, funcionário na Instrução Pública de Alagoas, tive a notícia de que misteriosos telegramas, com veladas ameaças, me procuravam o endereço. Desprezei as ameaças: ordinariamente o indivíduo que tenciona ofender outro não o avisa. Mas os telegramas continuaram. Mandei responder que me achava na repartição diariamente, das nove ao meio - dia, das duas às cinco da tarde. Não era o que pretendiam. Nada de requerimentos: queriam visitar-me em casa.

... No dia seguinte, três de março, entreguei pela manhã os originais a D. Jeni, datilografar. ... Como era possível trabalhar em semelhante inferno? Nesse ponto surgiu *Luccarini*. Entrou sem pedir licença, atarantado, cochichou rapidamente que iam prender-me e era urgente afastar-me de casa, recebeu um abraço e saiu.... Afinal, cerca de sete horas, um automóvel deslizou na areia deteve-se à porta – e um oficial do exército, espigado, escuro, cafuz ou mulato, entrou na sala.

- Que demora, tenente! Desde o meio-dia estou à sua espera.

- Não é possível, objetou o rapaz empertigando-se.

- Como não? Está aqui a valise pronta, não falta nada

(RAMOS,2004,p.38,44,45,46).

Ressalte-se que à época, o escritor alagoano não tinha uma atuação partidária definida, mas havia realizado algumas modificações administrativas na Instrução Pública de Alagoas.

Nota-se que o escritor alagoano não resiste à prisão, apesar de não saber o porquê dela. Ele afirma “Que Diabo ia fazer, perseguido, a rolar de um canto para outro, em sustos, mudando o nome, a barba longa, a reduzir-me, a endividar-me?”(RAMOS,2004,p.45). A maioria dos presos era de estrangeiros e do interior de São Paulo. Acerca da prisão do escritor alagoano, Clara Ramos afirma:

Na medida em que o escritor não foi preso em 1936 por implicações ideológicas, mas pela posição assumida frente a essa questão que atormenta o gênero humano desde a Antiguidade: a elitização e o enriquecimento das minorias, no caso das elites alagoanas, que Graciliano desejava em bases igualitárias e capazes de beneficiar as crianças da Instrução Pública. Destacamos de início a dimensão humana do episódio, por não ter sido igualmente o homem da Instrução perseguido pela enunciação de um ideário e sim pela coerência pessoal, por sustentar um conflito ético e o levar a conclusão lógica num país em que o discurso político, por mais generosamente propagado, colide no ato seguinte com a inverdade e a contrafação. Também por seus motivos extraliterários, o depoimento que Graciliano Ramos não prestou nas prisões do Estado Novo eterniza-se numa obra que tem a dureza e a duração de um presídio-fortaleza incrustado na rocha. Durante os anos de escavação. Seu autor deu-lhe um título duro, graciliânico: *Cadeia* (RAMOS,1992,p.26).

Mediante as ideias de Graciliano Ramos, discute-se a escrita de *Memórias do Cárcere*, a qual se inicia logo após a liberdade do escritor, depois da queda do Estado

Novo, que se estende de 1946 até 1951⁴. Publicado postumamente, em 1953, com explicação final de Ricardo Ramos, o qual afirma que devido ao estado de saúde do autor, não foi possível a escrita do capítulo final, que retrataria a saída do escritor da prisão, conforme afirmação de Graciliano Ramos: “Estou a descer para a cova, este novelo de casos em muitos pontos vai emaranhar-se, escrevo com lentidão – e provavelmente isto será publicação póstuma, como convém a um livro de memórias”(RAMOS,2004,p.35). O escritor tem consciência da responsabilidade da tarefa que está desenvolvendo, uma vez que julga a composição literária desta obra superior às suas forças.

É importante lembrar, que cronologicamente, *Memórias do Cárcere* ultrapassa a permanência de Graciliano Ramos na cadeia, pois, preso em 3 de março de 19, em Maceió, e libertado em janeiro do ano seguinte, ao escrever este livro recorre a fatos políticos e históricos internacionais, ocorridos durante os anos de composição da obra, os governos ditatoriais de Adolfo Hitler, na Alemanha, em 1933, e de Benito Mussolini na Itália, em 1925.

Portanto, quando Graciliano Ramos refere-se aos métodos de tortura da ditadura nazista, como, campo de concentração, fornos crematórios, câmara de gás, na Alemanha, nota-se que esses meios repressivos foram noticiados durante o percurso da composição da obra literária. Essas ideias fazem parte do processo criativo da obra, já que *Memórias do Cárcere* não pode ser considerado apenas como um livro de memórias, pois excede o relato pessoal, atingindo uma dimensão universal, na medida em que discute, denuncia e narra episódios de um período conturbado da história da humanidade.

Nas décadas de 1920 e 1930, no tocante aos governos de direita que se mantiveram no poder, na história contemporânea, destaca-se: *Benito Mussolini*, um dos responsáveis pela fundação do Partido Nacional Fascista, em 1921, na Itália, ano em que foi eleito deputado. Como estes acontecimentos influenciam a escrita de *Memórias do Cárcere* ?

Em 1924, aconteceu o assassinato do deputado socialista *Giacomo Matteoti*, fato assumido por *Mussolini*, em janeiro do ano seguinte, 1925, concomitantemente com as leis implementadas pela ditadura fascista. Acerca dessas mudanças, Marly Rodrigues afirma que, entre 1927 e 1934, este regime executou cerca de cinco mil pessoas, que se manifestaram contrárias ao regime *Mussolini*. A ideologia fascista defendia o nacionalismo ao extremo, como a única maneira de defender os interesses de uma nação. Devido aos diversos conflitos como, a queda da Bolsa de *Nova York*, 1930, denominou-se a década da *Grande Depressão* (BERCITO,s/d,p.11).

Além de *Benito Mussolini*, *Adolfo Hitler*, membro do Partido Nacional- Socialista Operário, criado em 1919, cujo nome era Partido Operário Alemão, assume o poder em 1933. Seu governo é caracterizado como autoritário ao extremo, racista e manipulador da opinião pública. Este regime será derrotado somente em 1945.

Nesse contexto, inicia-se a Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, quando *Adolfo Hitler* torna-se chefe do governo alemão, e invade a Polônia, objetivando expandir a ideologia nazista, através das invasões territoriais, ao romper com o *Tratado de Versalhes*. Inicia-se a fabricação de armamentos para a Guerra.

Diante da ascensão do regime nazista na Alemanha, os dirigentes criam arbitrariamente leis específicas, destinadas àqueles que discordam da ideologia implementada pelo governo, ou seja, os judeus, os quais são perseguidos até a morte,

⁴ Conforme afirma Ricardo Ramos em *Cadeia*, de Clara Ramos, p. 208. Mas Ivan Marques na Revista *Entre livros* diz que “A escrita arrastou-se por mais de oito anos – o período entre 1945 e 1953, posterior à queda do Estado Novo, no qual Graciliano passou a ser membro do partido Comunista”, p. 46.

acusados de cometerem atrocidades não deveriam permanecer na nação.

A propagação da ideologia dos judeus foi disseminada pela Alemanha aos países que não deveriam apoiar os refugiados em seus territórios. Mas, apesar do alerta, muitos estrangeiros, fugitivos da política nazi-fascista, conseguiram abrigo aqui no Brasil. Muitos deles se tornaram líderes sindicais, militantes de esquerda que, infiltrados nas manifestações, conduziam e influenciavam o povo contra o governo de Getúlio Vargas. Eles também foram vítimas da política do Estado Novo.

Na Segunda Guerra Mundial, o regime nazi-facista influenciará diretamente a obra em construção: *Memórias do Cárcere*. Observe-se o fragmento, no qual o escritor faz a denúncia da ideologia nazista, ao referir-se à noite em que Olga Prestes e *Elisa Berger* estão no Pavilhão dos Primários e são transferidas para outra prisão. A notícia gera uma agitação no cárcere, pois, segundo as informações, elas iriam para a Alemanha:

Sentado na cama pensei com horror em campos de concentração, fornos crematórios, câmaras de gases. Iriam a semelhante miséria? A exaltação dominava os espíritos em redor de mim. Brados lamentosos, gestos desvairados, raiva impotente, desespero, rostos convulsos na indignação. Um pequeno tenente soluçava, em tremura espasmódica:
... Carlos Prestes, isolado, estaria assim, mas ignorava as ameaças à companheira. Chegar-lhe-ia aos ouvidos um som confuso do imenso clamor. De que se tratava?(...). E passaria meses sem poder inteirar-se da enorme desgraça. O tenente gemia, e as palavras invariáveis pareciam ter apagado as outras, escorregavam num soluço:
- Vão levar Olga Prestes (RAMOS,2004.p.274,275).

O desfecho da cena narrada anteriormente é concluído com a transferência das prisioneiras juntamente com Campos da Paz Filho e *Maria Werneck*. Mas, segundo a narração, Olga Prestes e *Elisa Berger* “nunca mais foram vistas. Soubemos depois que tinham sido assassinadas num campo de concentração na Alemanha (RAMOS,2004.p.274-278).

Diante das ideias discutidas neste capítulo, verificou-se que a presença da História é bastante importante para a compreensão do processo de construção da escrita ficcional de Graciliano Ramos como também de sua trajetória literária e intelectual.

Conclusão

Esta pesquisa concentrou-se em refletir acerca do processo de formação literária e intelectual de Graciliano Ramos através da obra *Memórias do Cárcere*. Para tanto, se tornou necessário e indispensável recorrer às categorias **campo literário** de *Pierre Bourdieu*, **paratopia e contexto** de *Dominique Mainguenu*.

Ressalte-se que além das categorias mencionadas utilizados também textos autobiográficos, entrevistas, depoimentos, cartas, produções do escritor publicadas em revistas literárias e artigos de jornais, como também imagens fotográficas, as quais retratam momentos importantes e decisivos da trajetória literária e intelectual de Graciliano Ramos.

A pesquisa fez uma análise historiográfica do período em que se iniciou o processo de formação do leitor e escritor alagoano observando a época na qual viveu, buscando localizar cronologicamente os principais momentos de sua trajetória literária, os quais repercutiram diretamente na obras: *Memórias do Cárcere*.

As categorias dos autores *Pierre Bourdieu*, *Dominique Mainguenu*, foram de extrema relevância na realização deste trabalho, pois proporcionaram uma rica discussão acerca do processo de criação da obra de arte graciliana, uma vez que foi possível observar e constatar no decorrer da pesquisa que a composição literária é oriunda, em sua maioria, dos conflitos ideológicos, sociais e econômicos vivenciados pelo escritor alagoano no campo e no contexto literários, visão esta divergente da cultivada pelos românticos, no século XIX, em que a obra literária era fruto da inspiração.

Dentre os fatos históricos que Graciliano Ramos utiliza para a composição de seu texto literário destacam-se: a Revolução de 1930 – a “Era Vargas”, a Segunda Guerra Mundial em 1939, entre outros.

Após discutir as categorias já mencionadas e identificar os fatos históricos que influenciaram a escrita de *Memórias do Cárcere* realizou-se uma leitura analítico-interpretativa do *corpus* da pesquisa.

Apesar das diversas pesquisas e dos estudos já realizados sobre Graciliano Ramos e sua poética, esta pesquisa pretende proporcionar uma reflexão sobre o processo de construção da carreira literária do escritor alagoano, através de exame de alguns nomes de sua fortuna crítica, das leituras que influenciaram sua trajetória literária e intelectual, pelo estudo da obra *Memórias do Cárcere*.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Josélia. “Encontros literários”. *Entrelivros: Letras Secas de Graciliano*, Ano 2, n.19, p. 38-40, nov. 2006.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário* / Pierre Bourdieu; Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAYNER, Sônia, org. *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977 (Col. Fortuna Crítica, 2).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: Ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

COELHO, Neli Novaes. “Solidão e luta em Graciliano Ramos”. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977 (Col. Fortuna Crítica, 2).

CHIAPPA, Juan Pablo. “Michael Foucault: ficção, real e representação / A produção de sentidos sociais: deslocamentos teóricos contemporâneos”. In *Revista Atlas*, n. 3 – dezembro/ março 2007.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FUNS, Julián. “O Homem sábio do sertão”. *Entrelivros: Letras Secas de Graciliano*, Ano 2, n.19, p. 30-36, nov.2006.

MARTINS, Maurício Vieira. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 19, n. 56, outubro/2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade* / Mainguemeau; Tradução Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (coleção leitura e crítica).

MARQUES, Ivan. “Inventário das trevas”. *Entrelivros: Letras Secas de Graciliano*, Ano 2, nº19, p. 45-47, nov./ 2006.

NETO, Miguel Sanches. “A descoberta da linguagem”. *Entrelivros: Letras Secas de Graciliano*, Ano 2, nº19, p. 48-451, nov./ 2006.

NORONHA, Denise. Memória, história e arte em *Por onde andou meu coração*. 2002. Dissertação em Letras)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

RAMOS, Ricardo. “Lembrança de Graciliano”. In: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim. Graciliano Ramos. Participação especial de Antonio Candido, Franklin de Oliveira, Rui Mourão e Silviano Santiago. São Paulo: Ática, 1987 (Escritores brasileiros. Antologia & estudos, 2).

RAMOS, Clara. *Cadeia*. Rio de Janeiro: José Olympio: Secretaria de Cultura, 1992.

_____. *Mestre Graciliano Ramos: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: 1979.

_____. *Angústia*. Posfácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Circulo do Livro, sd.

Vidas Secas / Graciliano Ramos; Posfácio de Marilene Felinto e Wander Melo Miranda-100ªed. - Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Memórias do cárcere* prefácio de Nelson Werneck Sodré, ilustrações de Percy Deane. 40ªed. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, v. I e II, 2004.

_____. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil na Década de 10: a fábrica e a rua, dois palcos de luta*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *O Brasil na Década de 20: anos que mudaram tudo*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *A Década de 50: populismo e metas desenvolvimentos no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

SAID, Edward W., 1935-2003. “Representação do intelectual”. In: ____ *Representações do intelectual: as Conferências Reilh de 1993* / Edward W. Said; Tradução: Milton Hatoum.

São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SANTOS, Carla Inês Costa dos; BRASIL, Eliete Mari Doncato. *Elaboração de Trabalhos Técnico-Científico*. Universidade do Vale do Rio Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2007.

SANTIAGO, Silviano. “O entre - lugar do discurso latino-americano.” In:____*Uma literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

SILVA, Odalice de Castro. “Graciliano Ramos: itinerário de um sentido”; “Graciliano Ramos e seu mundo”; “Homenagem a Graciliano Ramos”. In____ *A obra e seu intérprete: reflexões sobre a contribuição de Osman Lins*. Fortaleza: EDUFC, 2000.

SOUZA, Maria Eneida de. “O não-lugar da Literatura”. In *Crítica Cult*. Belo Horizonte: EDFMG, 2002.